

24. “Creio no Filho único de Deus”. O “Senhor”

441-455



INTRODUÇÃO

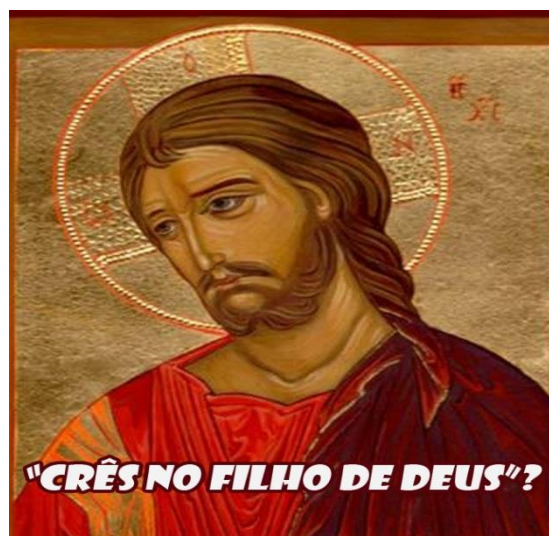
O comportamento, a mensagem, a pessoa de Jesus e toda a sua história, especialmente a o mistério pascal não podem ser explicados nem corretamente compreendidos somente dentro dos limites de esquemas preconcebidos. As palavras e ações, a vida e a morte de Jesus não podiam deixar de suscitar perguntas sobre a sua identidade e missão: Quem é Jesus e qual é a sua missão? Os títulos, que são dados a Jesus e que se radicam na sua Páscoa, são como diversos “pontos de vista” que interpretam o mistério de sua pessoa e são tentativas de traduzir a complexidade e a sublimidade desse mesmo mistério. Os parágrafos 441-451 examinam dois títulos muito recorrentes no NT: “Filho de Deus” e “Senhor”.

Texto 441-455

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO

CAPÍTULO II: CREIO EM JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DE DEUS





Artigo 2: “e em Jesus Cristo, seu Filho único, nosso Senhor”

III. Filho Único de Deus

441. Filho de Deus, no Antigo Testamento, é um título dado aos anjos, ao povo da Eleição, aos filhos de Israel e a seus reis. Significa então uma filiação adotiva que estabelece entre Deus e sua criatura relações de uma intimidade especial. Quando o Rei-Messias prometido é chamado “filho de Deus”, isso não implica necessariamente, segundo o sentido literal desses textos, que ele ultrapasse o nível humano. Os que designaram Jesus como Messias de Israel talvez não tenham tido a intenção de dizer mais do que isto.

442. Não acontece o mesmo com Pedro, quando confessa Jesus como “o Cristo, o Filho do Deus vivo”, pois este lhe responde com solenidade: “Não foi a carne e o sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos Céus” (Mt 16,17). Paralelamente, Paulo dirá a propósito de sua conversão no caminho para Damasco: “Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou, por sua graça houve por bem revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios” (Gl 1,15-16). “Imediatamente, nas sinagogas, começou a proclamar Jesus, afirmando que ele é o Filho de Deus” (At 9,20). Este será desde o início o centro da fé apostólica professada primeiro por Pedro como fundamento da Igreja.

(Parágrafos relacionados: 552, 424)

443. Se Pedro pôde reconhecer o caráter transcendente da filiação divina de Jesus Messias foi porque este o deu a entender claramente. Diante do Sinédrio, a pergunta de seus acusadores: “Tu és então o Filho de Deus?”, Jesus respondeu: “Vós dizeis que eu Sou” (Lc 22,70). Já bem antes, Ele se designara como “o Filho” que conhece o Pai e que é diferente dos “servos” que Deus enviou anteriormente a seu povo, superior aos próprios anjos. Distinguiu sua filiação daquela de seus discípulos, não dizendo nunca “nosso Pai”, a não ser para ordenar-lhes: “Portanto, orai desta maneira: Pai Nosso” (Mt 6,9); e sublinhou esta distinção: “Meu Pai e vosso Pai” (Jo 20,17).

(Parágrafo relacionado: 2786)

444. Os Evangelhos narram em dois momentos solenes – o Batismo e a Transfiguração de Cristo – a voz do Pai a designá-lo como seu “Filho bem-amado”. Jesus designa-se a si mesmo como “o Filho Único de Deus” (Jo 3,16) e afirma com este título sua preexistência eterna. Exige a fé “em nome do Filho Único de Deus” (Jo 3,18). Esta confissão cristã aparece já na exclamação do centurião diante de Jesus na cruz: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15,39), pois somente no Mistério Pascal o fiel cristão pode entender o pleno significado do título “Filho de Deus”.

(Parágrafos relacionados: 536, 554)

445. É depois de sua Ressurreição que a filiação divina de Jesus aparece no poder de sua humanidade glorificada: “Estabelecido Filho de Deus com poder por sua Ressurreição dos mortos” (Rm 1,4). Os apóstolos poderão confessar: “Nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filhos Único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14).

(Parágrafo relacionado: 653)



IV. Senhor

446. Na versão grega dos livros do Antigo Testamento, o nome inefável com o qual Deus se revelou a Moisés, Iahweh, traduzido por “*Kyrios*” (“Senhor”). Senhor torna-se desde então o nome mais habitual para designar a própria divindade do Deus de Israel. É neste sentido forte que o Novo Testamento utiliza o título de “Senhor” para o Pai, e também – e aí está a novidade – para Jesus reconhecido assim como o próprio Deus.

(Parágrafo relacionado: 209)

447. Jesus mesmo atribui-se de maneira velada este título quando discute com os fariseus sobre o sentido do Salmo 110, mas também de modo explícito dirigindo-se a seus apóstolos. Ao longo de toda a sua vida pública, seus gestos de domínio sobre a natureza, sobre as doenças, sobre os demônios, sobre a morte e o pecado demonstravam sua soberania divina.

(Parágrafo relacionado: 548)

448. Muito frequentemente nos Evangelhos determinadas pessoas se dirigem a Jesus chamando-o de “Senhor”. Este título exprime o respeito e a confiança dos que se achegam a Jesus e esperam dele ajuda e cura. Sob a moção do Espírito Santo, ele exprime o reconhecimento do Mistério Divino de Jesus. No encontro com Jesus ressuscitado, ele se transforma em expressão de adoração: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20,28). Assume então uma conotação de amor e afeição que tornar-se-á peculiar à tradição cristã: “É o Senhor!” (Jo 21,7).

(Parágrafos relacionados: 208, 683, 641)

449. Ao atribuir a Jesus o título divino de Senhor, as primeiras confissões de fé da Igreja afirmam, desde o início, que o poder, a honra e a glória devidos a Deus Pai cabem também a Jesus, por ser Ele “de condição divina” (Fl 2,6) e ter o Pai manifestado esta soberania de Jesus ressuscitando-o dos mortos e exaltando-o em sua glória.

(Parágrafos relacionados: 461, 653)

450. Desde o principio da história cristã a afirmação do senhorio de Jesus sobre o mundo e sobre a história significa também o reconhecimento de que o homem não deve submeter sua liberdade de pessoal, de maneira absoluta, a nenhum poder terrestre, mas somente a Deus Pai e ao Senhor Jesus Cristo: César não é “o Senhor”. “A Igreja crê que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram em seu Senhor e Mestre.”

(Parágrafos relacionados: 668-672, 2242)

451. A oração cristã é marcada pelo título “Senhor”, quer se trate do convite à oração “o Senhor esteja convosco” ou da conclusão da oração, “por Jesus Cristo nosso Senhor”, ou ainda do grito cheio de confiança e de esperança: “*Maran atha*” (o Senhor vem!) ou “*Marana tha*” (Vem, Senhor!) (1Cor 16,22): “Amém, vem, Senhor Jesus!” (Ap 2,20).

(Parágrafos relacionados: 2664-2665, 2817)

RESUMINDO

452. *O nome de Jesus significa “Deus que salva”. A criança nascida da Virgem Maria é chamada “Jesus”, “pois Ele salvará seu povo de seus pecados” (Mt 1,21): “Não existe debaixo do céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4,12).*

453. *O nome Cristo significa “Ungido”, “Messias”. Jesus é o Cristo pois “Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder” (At 10,38). Ele era “aquele que há de vir” (Lc 7,19), o objeto da “esperança de Israel”.*

454. *O nome Filho de Deus significa a relação única e eterna de Jesus Cristo com Deus, seu Pai: Ele é o Filho Único do Pai e o próprio Deus. Crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus é necessário para ser cristão.*

455. *O nome Senhor designa a soberania divina. Confessar ou invocar Jesus como Senhor é crer em sua divindade. “Ninguém pode dizer ‘Jesus é Senhor’ a não ser no Espírito Santo” (1Cor 12,3).*



Revisando temas

1. Filho de Deus

No ambiente grego e da religião pagã, a expressão “filho de deus” era comumente aplicada aos reis. No império romano, era comum chamar o imperador de *divi filius*. No contexto politeísta em que esse título é usado, falta completamente o aspecto de uma eleição, de um chamado para cumprir uma missão no plano de salvação.

É exatamente no Antigo Testamento, que a expressão “filho de Deus” inclui a ideia de uma proximidade e familiaridade de Deus, de uma eleição em vista de uma missão específica e, em correspondência, de uma total obediência ao Deus que escolhe e vocaciona.

Aplicado a Jesus, o título “Filho de Deus” assume e eleva em grau máximo esse aspecto da proximidade e da predileção de Deus. Jesus é o Filho, ou seja, está particularmente próximo de Deus e dEle recebe uma missão. Essa missão consiste em revelar o Pai. Assim o título “Filho de Deus” revela a relação particular entre Jesus e o Pai, relação essa distinta de toda relação de intimidade conhecida até então. Com efeito, Jesus ensina os discípulos a orar a Deus como ao Pai, mas sempre diz “meu Pai” e “vosso Pai”, nunca “nosso Pai” (cf. Mt 7,11; Lc 22,29; Jo 20,17).

No batismo e nas tentações o título “Filho de Deus” referido a Jesus se revela com uma originalidade que não deriva do uso que até então se fazia desse título. A voz do céu declara Jesus como o Filho amado: a intimidade e familiaridade de Jesus em relação ao Pai não é o da grandeza, da magnificência, mas a do sofrimento, da fidelidade até o fim.

O título “Filho de Deus” nos coloca diante do mistério de Jesus: este não é somente mais um dos eleitos de Deus do AT, não é somente um dos filhos de Deus, mas é o Filho: a sua relação filial é única, não repetível, plena. De fato, esse título “será, desde o princípio, o núcleo da fé apostólica” (442).

Com esse título, o NT e a fé cristã mostram que a identidade de Jesus se constitui pela relação particularíssima que há entre Ele e o Pai. Além disso, o título revela, com clareza, o que é próprio de Deus, que é o ser Pai (cf. 1Jo 1,22-23). Assim a identidade última e o ser profundo de Jesus só podem ser captados no contexto da sua relação com o Pai.



2. Senhor - *Kyrios*

Nós usamos a palavra portuguesa “senhor” como uma forma respeitosa para nos dirigirmos a homens. No nosso cotidiano é muito comum distinguir homens que tem alguma autoridade com esse tratamento cerimonioso.

Quando encontramos, no NT, o título “Senhor” aplicado a Jesus, precisamos ir muito além dessa simples forma de tratamento. Dizer que “Jesus é o Senhor”, segundo o NT tem um significado muito mais profundo do que o uso que nós fazemos desse termo. Essa afirmação corresponde a uma verdadeira profissão de fé na divindade de Jesus. Não podemos, portanto, transferir simplesmente o conceito que nós temos de “senhor” para o título “Senhor” (*Kyrios*) aplicado a Jesus. Isso seria uma forma empobrecida e reduzida de entender o “senhorio” de Jesus.

Nesse sentido é interessante ler 1Cor 8,5-6: “Pretende-se, é verdade, que existam outros deuses, quer no céu quer na terra (e há um bom número desses deuses e *senhores*). Mas, para nós, há um só Deus, o Pai, do qual procedem todas as coisas e para o qual existimos, e um só *Senhor*, Jesus Cristo, por quem todas as coisas existem e nós também”.

A partir dessa citação você pode notar que os primeiros cristãos aplicaram o título “*Kyrios*” a Cristo ressuscitado para afirmar a sua autoridade sobre toda a criação (“por ele todas as coisas existem e nós também”). Trata-se de uma autoridade que é própria de Deus. Trata-se também de uma autoridade que não é somente futura, mas que se realiza já no presente particularmente na liturgia. A liturgia, com efeito, parece ter sido o contexto em que os primeiros cristãos começaram a atribuir a Cristo esse título. De fato, a eucaristia é a celebração na qual o Cristo ressuscitado está presente em meio aos seus quando estes partem o pão em sua memória.

Jesus é Senhor, mas não como os outros senhores deste mundo (“há um bom número desses deuses e *senhores*”). Ele instaura o seu domínio fazendo-se servo (cf. Fl 2,6-11). A sua autoridade de *Kyrios* chega ao seu ponto alto na cruz da extrema humilhação e do serviço radical. O crucificado é o Senhor (cf. At 2,36), ou seja, ao dar a sua vida Ele vence todos os inimigos e revela definitivamente de que tipo é o seu domínio (senhorio).

A relação que há entre o Senhorio de Cristo e a páscoa revela o estilo peculiar e próprio da realeza de Cristo: o seu domínio não é como o dos tiranos deste mundo, mas consiste na doação de si mesmo até o sacrifício da cruz para cumprir a vontade do Pai. Por isso confessar “Jesus é o Senhor” implica para os cristãos o serviço e a doação de si em favor dos outros. Se os cristãos se submetem realmente ao Senhor, devem também servir como Ele. Se Ele lavou os pés dos discípulos porque é o Senhor, com mais razão ainda os discípulos do Mestre devem lavar os pés uns dos outros. A única ambição da Igreja é a de ser verdadeiramente o Reino de Cristo.

Entre a Páscoa de Jesus e a sua vinda gloriosa não há um período de ausência e de vácuo. Subindo ao céu, Jesus não abandona a sua Igreja. A ascensão não é o contrário da encarnação. Uma vez glorificado, Jesus está mais presente do que nunca, mais enviado do que nunca, mais ativo do que nunca. Jesus exerce realmente sua autoridade e o seu domínio sobre toda a criação e humanidade. Assim o seu senhorio não é algo meramente futuro e exterior.

O domínio de Cristo significa para nós verdadeira liberdade de todo e qualquer outro “senhor” e domínio.

Por isso, ao celebrar o memorial da sua morte e ressurreição (a Eucaristia), os cristãos se tornam uma comunidade completamente submetida ao domínio de Cristo. Submissão ao domínio de Cristo não é escravidão mas, ao contrário, participação da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte. O amor de Deus que se manifesta na morte e na ressurreição de Cristo vence a rebelião contra Deus e nos torna filhos dEle e irmãos entre nós.

Essa liberdade que procede da submissão ao senhorio de Cristo, torna os cristãos particularmente críticos contra todo poder político que se pretenda absoluto.

Desde o princípio da história cristã, a afirmação do senhorio de Jesus sobre o mundo e sobre a história significa também o reconhecimento de que o homem não deve submeter a sua liberdade pessoal, de modo absoluto, a nenhum poder terreno, mas somente a Deus Pai e ao Senhor Jesus Cristo: César não é o “Senhor”.

Se somente Jesus é o Senhor, não pode haver outros senhores. Foi exatamente essa convicção e liberdade diante dos poderes políticos que levou S. Policarpo a se negar dizer: “Cesar é o senhor”. Foi essa mesma mensagem que foi dada por cristãos na Alemanha nazista que proclamaram publicamente que na Igreja há um só “Senhor” (“Führer”).



O título “senhor” no mundo greco-romano e no Antigo Testamento

O título “senhor” é muito usado no mundo grego e romano. Ele era aplicado a toda pessoa que detinha algum poder ou que exercia um encargo. Dava-se esse título ao: empregador, oficial, proprietário de escravos e imperador. Mas o título não tinha somente um significado social. Ele tinha também um conteúdo político-religioso. Nas celebrações do culto pagão eram chamados com esse título os deuses e as deusas (*kyrioi*=senhores). Também os imperadores romanos eram cultuados como deuses, por isso recebiam também o título de “senhor”. Por isso dizer “César é o senhor” não era somente uma forma de cortesia, mas o seu endeusamento.

No Antigo Testamento Deus (Iahweh) é designado como “Senhor” (Is 1,24; 6,1-8). Ele é o “Senhor dos senhores”, sendo o “Deus dos deuses” (cf. Dt 10,17; Sl 136,3). Iahweh conquistou Israel como o seu povo tendo-o libertado da escravidão do Egito (cf. Ex 19,4-6). Mas a sua soberania não se limita ao povo eleito (cf. 1Sm 8,7; 12,12). O seu domínio não é como o das divindades cananeias, que são limitadas e ligadas à terra da qual eles são os *baalim* (“senhores”, “patrões”), mas é um senhorio universal que se estende universalmente em favor de seu povo (cf. Dt 10,14-18) e alcança toda a terra (Js 3,11; Mq 4,13; Sl 97,5). No judaísmo da diáspora, o título “Senhor” (*Kyrios*) é a designação em língua grega de Iahweh (YHWH). Na versão grega dos Setenta, o termo é usado para traduzir os nomes divinos de Iahweh e Adonai.